



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

SAÍDA DO ARMÁRIO E EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO DE CASO PELA ÓTICA DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

Jeferson Camargo Taborda¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de saída do armário a partir da perspectiva de uma mãe. No campo de estudos LGBTQIA+ esse processo é conhecido como “saída do armário” que homens gays e mulheres lésbicas fazem com relação a sua orientação sexual. A saída do armário é um processo complexo, geralmente tenso e por vezes traumático. O método adotado foi o estudo de caso de uma mãe de pessoa LGBTQIA+ seguindo a modalidade de entrevista semi-estruturada. O caso foi analisado pela perspectiva da cartografia articulada com a antropologia das emoções. Os resultados apresentaram concepções diferentes antes e após da experiência da universitária. Logo após a saída do armário, muito antes de ingressar na universidade, existia a esperança pela reversão da homossexualidade, a vergonha pelo filho homossexual, além da a constituição de um armário familiar. Dentre os principais aspectos da experiência universitária constam: o contato com teorias científicas sobre gênero e a construção de laços de amizade com pessoas LGBTQIA+. Conclui-se que no caso analisado a experiência universitária foi bastante satisfatória e constituiu-se como fator protetivo para lidar com a saída do armário.

Palavras-chave: Coming Out; Saída do Armário; Cartografia; Espinosa; Universidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados parciais da pesquisa de mestrado em Antropologia em andamento. Trata-se de compreender, a partir do campo denominado antropologia das emoções, o modo como diferentes sujeitos mobilizam as emoções nos processos de saída do armário. No campo de estudos LGBTQIA+, esse processo é conhecido como “saída do armário” que homens gays e mulheres lésbicas fazem com relação a sua orientação sexual.

Em termos teóricos, o trabalho de Eve Sedgwick, *Epistemology of the Closet* (1990), é seminal. Para a autora, o termo saída do armário refere-se aos mecanismos de busca de controle da sexualidade não heterossexual e que resulta tanto em uma regulação dos desejos quanto em uma diferenciação nos usos dos espaços. A lógica do armário é um dos efeitos do discurso heteronormativo, hegemônico em nossa sociedade, que implica em tornar a circulação pelos espaços públicos como privilégio de pessoas heterossexuais enquanto as demais orientações/identidades só são toleradas, quando o são, em espaços privados e longe de todos.

Preconceito, discriminação e até casos de violência podem ser desencadeados quando os sujeitos não seguem uma determinada ordem discursiva previamente estabelecida. A

¹ Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela UCDB. Professor titular da graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba e membro efetivo do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Psicologia da FACH/UFMS. E-mail: j.taborda@hotmail.com



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

revelação de uma conduta divergente, seja ela da orientação sexual, seja ela da identidade de gênero, pode envolver a família, assim como amigos e outras áreas da vida social da pessoa (MODESTO, 2008; OLIVEIRA, 2013; HAMMES, 2014; SOLIVA, SILVA, 2014; NOVAIS, 2018; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018, ALENCAR, 2019).

Se “a revelação da homossexualidade de um filho nunca passa em branco” (OLIVEIRA, 2013, p. 215) é porque ela é sempre carregada de intensas emoções e transformações sociais. Isso ocorre porque a heterossexualidade é naturalizada e entendida como a única possível. As demais orientações/identidades tendem a ser não apenas consideradas anormais e desviantes como sequer devem ser objeto de questionamento.

Para este trabalho selecionei uma entrevista com uma mãe de pessoa LGBTQIA+ seguindo a modalidade de entrevista semi-estruturada. O objetivo foi compreender o processo de coming out a partir do estudo de caso de uma mãe e identificar o modo como a experiência universitária se insere nesse processo.

METODOLOGIA

O estudo de caso trata-se de uma modalidade de pesquisa qualitativa com origem nas ciências psicológicas e médicas. No âmbito das ciências sociais são mais comuns estudos sobre comunidades e instituições, no entanto não existe nenhuma restrição quanto a casos isolados (BECKER, 1993). Se entendermos que a saída do armário trata-se de um evento eminentemente social e público, isso significa a experiência narrada nunca é isolada das diversas instituições que compõe a vivência pessoal, ou seja, mesmo que o relato parta de uma perspectiva singular, ele não deixa de ser determinado pelo contexto social e histórico. Como diria Deleuze e Guattari (1995) nenhum discurso existe isolado, pois a própria enunciação depende dos agenciamentos nos quais está implicado.

Segundo Becker (1993, p. 119), uma característica dos estudos de caso é o foco em alguma questão específica: “Os investigadores tipicamente terminam se concentrando nuns poucos problemas que parecem ser de maior importância no grupo estudado - problemas que se ligam a muitos aspectos da vida e da estrutura do grupo”. No caso em tela, o foco foi o processo de saída do armário (*coming out*), as emoções vivenciadas e como a experiência universitária esteve implicada nisso.



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

Para a análise do caso selecionado estará sendo utilizada como fundamentação teórica as propostas da cartografia em articulação com a antropologia das emoções.

Cartografar originalmente remete a ideia de traçar mapas, representar territórios e seus diferentes relevos. A cartografia, ainda em seu sentido original, tem essa tarefa de registrar as nuances dos territórios, suas composições, elevações e rupturas. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) se apropriam desta ideia e propõe uma cartografia da produção de diferenças cuja característica será a investigação da multiplicidade de linhas que compõem os fenômenos: quais linhas produzem aproximações, quais produzem distanciamentos, quais são as relações de força e de resistência... Em suma, trata-se de acompanhar o processo de tessitura dos fios que compõem uma determinada realidade e seus diferentes efeitos.

Uma das principais bases da cartografia é a teoria dos afetos de Espinosa. Dentre os diversos conceitos que compõem o universo espinosano, o principal é a sua noção de afeto: “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2014, p. 98). Potência de agir diz respeito às possibilidades que podem existir ou não a um determinado corpo: enquanto existir vida ele poderá agir, se morre cessa sua potência. É possível observar que não se compreende aqui afeto como mera “afeição”, como no senso comum, mas enquanto o processo indissociável entre corpo-espaco-afeto.

A perspectiva cartográfica de base espinosana é articulada aqui com o campo denominado de antropologia das emoções. Segundo Rezende e Coelho (2010), existe uma permanente micropolítica de emoções nas relações entre os sujeitos, o que implica, portanto, que as interações são sempre constituídas mediante relações afetivas e exercícios de poder. Esses são os pressupostos da perspectiva contextualista na qual este trabalho se vincula.

A antropologia das emoções de vertente contextualista entende que as emoções só podem ser analisadas conforme o contexto em uso. Isso implica compreender os afetos não apenas em seu caráter relacional, mas também relativo de cada situação. Neste sentido:

[...] a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida. [...] É assim, então, que as emoções surgem perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais (REZENDE; COELHO; 2010, p. 78).



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

Durante as interações cotidianas existe uma permanente micropolítica emocional controlando e mediando o que pode ser dito, como deve ser dito e quais as possibilidades de respostas. As expressões emocionais presentes nos discursos são objeto de vigilância constante entre os sujeitos e servem como espécies de coordenadas para mapear afetivamente: se o outro está compreendendo o que está sendo dito, assim como averiguar quais aspectos do discurso estão sendo aceitos, rejeitados ou ignorados.

Contudo, além do aspecto relacional mencionado, as análises ficariam extremamente limitadas e inviabilizadas se não fossem levados em consideração os aspectos institucionais envolvidos. Dito de outro modo, para além da situação relacional é preciso compreender quais os marcadores sociais da diferença estão em jogo, quais estruturas sociais atravessam os sujeitos e quais agências estão sendo mobilizadas. É aqui que a experiência universitária pode ser melhor observada.

Se as emoções são sempre constituídas a partir de relações de poder (REZENDE; COELHO, 2010), então é possível acompanhar, no sentido da cartografia, o discurso emocional que a vida universitária possibilita aos sujeitos. É importante destacar que a experiência acadêmica pode tanto facilitar a mudança de perspectivas como também validar certos preconceitos. Portanto, o que está em jogo é o fato das emoções estarem sempre atravessadas por certos determinantes sociais e culturais.

Para este trabalho foi selecionada a entrevista com uma mãe de pessoa LGBTQIA+. Ela foi contactada pelo próprio convívio acadêmico. A entrevista foi realizada de forma online pelo aplicativo *Google Meet*. Antes do início da entrevista era realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista teve a duração de 30 minutos seguindo a modalidade de entrevista semi-estruturada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A SAÍDA DO ARMÁRIO NA FAMÍLIA DE LAURA

Laura trabalha como psicóloga clínica e mora num município do interior de São Paulo. Na época da entrevista Laura estava com 47 anos. A entrevista ocorreu em maio de 2022 de modo *online* pelo aplicativo *Google Meet*. Após realizada a leitura do termo de consentimento



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

e após explicar os principais aspectos da pesquisa, a primeira pergunta foi sobre a saída do armário na sua família. Ela inicia seu relato contando que na época da descoberta morava num município pequeno localizado no interior do Mato Grosso do Sul, junto com o marido e os dois filhos. Tudo teve início quando ela e o marido começaram a identificar o que classificou como “comportamentos homossexuais” de um dos filhos.

A gente percebeu que aos 15 ou 16 anos de idade ele já demonstrava o comportamento homossexual e, como adolescente, nessa fase ficava muito no computador. O pai colocou um rastreador no computador e aí a gente foi descobrindo então conversas dele com pares homossexuais.

Laura comenta que, a partir do momento da revelação, toda a família ficou em choque e tanto o pai, a mãe e o irmão rejeitaram essa situação. A partir daí várias estratégias foram sendo tomadas, inclusive sendo encaminhado para psicólogos e médicos na esperança de reversão da homossexualidade: “Não havia aceitação de forma alguma porque dentro do nosso pensamento, havia uma reversão. Isso daí era algo que podia ser instruído e poderia ser mudado, que era uma escolha e essa escolha poderia ter outro caminho.”

A esperança da reversão da homossexualidade é um sentimento muito comum entre as famílias (MODESTO, 2008; SOLIVA, SILVA, 2014; TREVISAN, 2018). A formação universitária de médicos e psicólogos tende a ser vista como um saber superior, muitos familiares acreditam ser capaz de reverter a homossexualidade.

Alguns estudos apontam que pessoas LGBTQIA+ adultas submetidas as chamadas terapias de reorientação sexual apresentaram índices de ideação suicida duas vezes maiores que pessoas que não passaram por esse tipo de técnica (BLOSNICH; HENDERSON; COULTER; GOLDBACH; MEYER; 2020 apud PAVELTCHUK; BORSA, 2020).

É preciso lembrar que em 1973 o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), principal referência da psiquiatria, deixa de considerar a homossexualidade enquanto doença. Passados 20 anos, em 1993, o termo foi retirado da Classificação Internacional de Doenças. No ano de 1999, o Conselho Federal de Psicologia emite a resolução nº1 que orienta e repudia qualquer tentativa de reorientação de práticas homoeróticas, além de prever punições para os profissionais que insistirem em tais práticas (TREVISAN, 2018).



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

É possível aproximar aqui a cartografia de Espinosa para compreender isso que estamos chamando de esperança. Em seu estudo sobre a origem e a natureza dos afetos, Espinosa (2014) compreende a esperança como uma paixão produzida por um estado de dúvida em relação ao futuro. Diferente do senso comum que a compreende como algo sempre positivo, na teoria dos afetos espinosana este afeto é visto como uma forma de sofrimento e sempre ligado ao medo:

Segue-se, dessas definições, que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. Com efeito, supõe-se que quem está apegado à esperança, e tem dúvida sobre a realização de uma coisa, imagina algo que exclui a existência da coisa futura e, portanto, dessa maneira, entristece-se (pela prop. 19). Como consequência, enquanto está apegado à esperança, tem medo de que a coisa não se realize (SPINOZA, 2014, p. 144).

É possível perceber uma linha que liga a esperança ao discurso medicalizante da reversão: tal como a descoberta precoce de uma doença, instaura-se a esperança de cura e o temor de sua irreversibilidade, caso se demore o “tratamento”. Não é por acaso que uma das primeiras medidas que os familiares costumam tomar seja a busca por psicólogos e psicanalistas (SOLIVA; SILVA, 2014).

O temor que muitos pais nutrem sobre os desejos homoeróticos despertados nos filhos provém, em grande parte, do discurso psicopatologizante sobre possíveis traumas psicológicos produzidos durante a infância. Conforme Foucault (1979), proveniente da medicalização da sexualidade, enquanto dispositivo de controle e de vigilância erigido no século XIX, a família se constituiu ao mesmo tempo enquanto uma instituição medicalizada e medicalizante, ou seja, ela é incitada a buscar todos os meios possíveis para buscar a normalidade de seus membros, até mesmo a procura por cura de algo que não seja doença.

Um outro aspecto relatado diz respeito à vida com os amigos. Laura entende que por morar numa cidade interiorana isso dificultou ainda mais o acolhimento e a aceitação. Sua família procurava manter escondida a sexualidade do filho. Quando vinha para a cidade natal, evitava encontrar com amigos e não convidava outras pessoas: “O sentimento era exatamente este, de vergonha de ter um filho homossexual e ter que assumir para a sociedade.”

A visibilidade produzida pela revelação do filho implica, na maioria das vezes, naquilo que Modesto (2008) chama da produção de um armário familiar. Conforme a autora, essa atitude pode estar relacionada às fases de luto pelas quais os familiares passam quando se



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

deparam com a saída do armário. A vergonha também pode ser um sintoma da negação e levar a tentativas de reversão, conforme já mencionadas. Em outras situações, o armário familiar também pode atuar como um mecanismo de defesa, como forma de diminuir a exposição do filho a possíveis violências físicas ou psicológicas (MODESTO, 2008).

O controle social produzido pela homossexualidade revelada também foi expresso por Laura quando comentou sobre as excursões que fazia junto com o marido e seus colegas de trabalho. Nestas viagens, ela comenta, era bastante comum surgir o tema da homossexualidade na forma de piadas e de deboches. Esse deboche fazia com que eles nunca tocassem no assunto da homossexualidade dentro da família.

A vergonha pode ser entendida como a tristeza produzida pela reprovação social (SPINOZA, 2014). Este afeto serve, sobretudo, ao controle social assim como para a inscrição intersubjetiva das regras nos corpos dos sujeitos. Conforme Peristiany (1988), a vergonha sempre se relaciona à questão da honra na medida em que são formas de expressão dos sistemas de regras e prescrições de uma determinada sociedade. Essas características ajudam a entender porque a chamada “falta de vergonha” aparece enquanto um rompimento das fronteiras daquilo que é considerado normal.

A falta de vergonha é que se equipararia à desonra. Já em um outro plano honra e vergonha seriam distintas e associadas diferentemente aos dois sexos. Uma conduta oposta seria exigida do comportamento de homens e mulheres e haveria uma associação mais forte do homem com a honra e da mulher com a vergonha. (ROHDEN, 2006, p. 106-107).

Os estudos antropológicos consideram a vergonha e a honra enquanto afetos complementares e que se são expressados de formas distintas, conforme a construção social dos gêneros. Nessa chave de leitura, os pais tendem a sentir ferida a honra enquanto a mãe e mulheres da família estariam mais propensas a sentirem vergonha (ROHDEN, 2006).

Outra característica deste afeto é o fato de estar sempre articulado com hierarquias sociais (PERISTIANY, 1988). A colocação da família como objeto de fofoca e rebaixamento na estratificação social passa a ser um grande temor, o que ajuda a entender em parte a dificuldade dos familiares em aceitar a saída do armário.



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

A relação tensa entre a saída do armário e a vergonha dos familiares é expressa por Laura nos seguintes termos: “Não é o filho que sai do armário, é a família que tem que sair do armário. No caso, nossa família não saiu de dentro do armário até eu entrar para a faculdade.”

Segundo a entrevistada, a experiência universitária foi um fator chave para uma mudança de perspectiva tanto dela quanto de seus familiares. Esse tópico será analisado a seguir.

A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA COMO FATOR PROTETIVO

Para Laura o contato com a universidade foi um divisor de águas em sua vida. Ela lembra que o seu processo de aceitação só começou realmente quando ela ingressou na faculdade de psicologia.

Quando eu comecei o curso de psicologia, eu comecei a passar por um processo de compreensão [...] Que a heteronormatividade é algo imposto pela sociedade.

O discurso de aceitação de Laura coloca a faculdade como um espaço de problematização sobre seus preconceitos. Segundo Pérez-Nebra e Jesus (2011), o preconceito pode ser entendido como junção entre crenças e afetos resultando sempre numa atitude negativa a um determinado objeto. Por estar mais ligado aos aspectos afetivos do que ao cognitivo, a reação preconceituosa tende a ser rápida e intensa. Vale destacar que o preconceito está muito ligado à imaginação, podendo ocorrer sem conexão nenhuma com a realidade.

Para se compreender plenamente como o preconceito age nos sujeitos, torna-se necessário articulá-lo a outros dois elementos, a saber, o estereótipo e a discriminação. Num primeiro momento, criam-se os estereótipos, processos de categorização dos sujeitos segundo certas características, no caso de “homens” e “mulheres” a diferença anatômica é tomada como principal referência. O preconceito emerge logo em seguida, enquanto uma atitude negativa frente a qualquer possibilidade de rompimento destes estereótipos, ou seja, é preciso que existam os estereótipos para que o preconceito apareça como ordem discursiva normalizante e moralizante prescrevendo as condutas consideradas adequadas. Por último, vem a fase da discriminação, que pode ser desde algo muito sutil ou manifesto e violento. A discriminação é



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

o ponto mais visível deste processo, pode trazer muita dor e sofrimento (PÉREZ-NEBRA; JESUS, 2011).

O termo heteronormatividade mencionado por Laura pode assim ser compreendido:

A heteronormatividade é uma expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual. Esse padrão de comportamento é condizente com a ideia de que o padrão heterossexual de conduta é o único válido socialmente e que não seguir essa postura social e cultural coloca o cidadão em desvantagem perante o restante da sociedade. (REIS, 2018, p. 69).

Percebe-se no relato de Laura que muitos de seus preconceitos foram alterados graças ao contato com discursos científicos, especialmente de caráter crítico. É possível afirmar que essa ampliação de repertório crítico produzido no ambiente universitário, aqui em específico por sua passagem pelo curso de psicologia, pode ser lido como um fator protetivo que a ajudou a lidar com seus preconceitos.

Além do contato com teorias científicas, Laura também apontou a amizade que teve com alguns colegas homossexuais que encontrou durante a vida universitária. Toda essa experiência foi vista como algo muito importante e que repercutiu de forma muito positiva em sua família.

Vários estudos têm apontado a rede de amizades como um dos principais fatores de proteção para as pessoas que saem do armário (ETENGOFF, DAIUTE, 2013; DIAMOND; SHPIGEL, 2014; PUCKETT, WOODWARD, MEREISH, PANTALONE, 2015; COSTA, MACHADO, WAGNER, 2015; FROST, MEYER, SCHWARTZ, 2016 apud NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018). Apesar dos estudos apontarem apenas pela perspectiva da pessoa LGBTQIA+, é bastante provável que o fator protetivo das redes de amizades construídas também sejam válidas para os familiares. O fato dos cursos universitários terem aulas diárias e durarem anos, acaba por favorecer o contato com novas amizades, inclusive com pessoas LGBTQIA+, o que pode também favorecer a diminuição dos preconceitos.

Laura também argumenta que nas várias disciplinas e estágios que cursou, sempre fazia questão de trazer discussões sobre gênero. Apesar das disciplinas e dos professores nem sempre abordarem a temática, a experiência universitária favorecia sua busca ativa por estas temáticas.



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

Conforme Laura, a publicização para os amigos sobre a saída do armário de seu filho só aconteceu depois da conclusão da sua faculdade de psicologia. Ela disse que depois de formada passou a falar abertamente aos amigos sobre a sexualidade do filho e acredita que por isso, diminuíram bastante as brincadeiras de tons pejorativos que costumava ouvir calada. Laura diz que essa postura frente as amigas e também aos colegas de trabalho de seu marido, tornou ela mais firme em sua militância enquanto mãe. Conforme Oliveira (2013), a saída do armário pode ampliar a ação política não apenas dos sujeitos individuais, mas da própria comunidade LGBTQIA+.

A universidade também teve um grande impacto na vida de seu filhos. Sendo aprovado numa faculdade, seu filho que havia assumido a homossexualidade foi estudar em outra cidade. Este distanciamento por um lado minimizou as tensões que existiam. Contudo, a vida longe da família não durou muito tempo, pois seu outro filho também precisou fazer faculdade e os dois irmãos passaram a morar juntos. Não demorou para surgirem muitas brigas, inclusive físicas, pela grande dificuldade de convivência. Este processo foi descrito pela entrevistada como “um caos”, um processo de dor e sofrimento intensos, tanto para a família quanto para o rapaz.

Ela conta que com o passar do tempo, ela e os filhos se formaram e as tensões foram diminuindo. Segundo Laura, o amadurecimento tanto dela e quanto de seus filhos foi outro fator importante que ajudou a família lidar melhor com saída do armário.

Laura finaliza seu relato contando que atualmente a família tem muito mais aceitação. Inclusive quando o irmão precisa se hospedar na casa, todos compreendem que cada um tem sua própria vida particular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saída do armário é um processo que envolve tanto a pessoa que se revelou LGBTQIA+ como também seus familiares. Por ser um tema complexo e pelas limitações de espaço, é possível que várias outras questões também pudessem ter sido abordadas, para além da experiência universitária. Outra limitação deste trabalho também pode ser o fato de trazer apenas uma única entrevista. Contudo, por se tratar de um estudo de caso entende-se que um caso isolado também pode ser compreendido como importante para a produção de conhecimentos



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

sobre um determinado tema, no caso específico, sobre a relação entre a experiência de saída do armário e a experiência universitária.

Num primeiro momento foram apresentados algumas das principais emoções vivenciadas, sendo a esperança de “cura” e a vergonha alguns dos principais afetos mencionados.

No que diz respeito à experiência universitária, Laura menciona que seus preconceitos foram bastante superados pelo contato com teorias científicas e com as discussões que buscou realizar durante o curso. Tudo isso ajudou ela a olhar as questões de gênero sob novas perspectivas.

A rede de amizades com pessoas LGBTQIA+ durante a experiência universitária de Laura também foi apontado como outro fator protetivo. A literatura aponta as redes de apoio como um fator importante para lidar com o estresse, mas geralmente da perspectiva da pessoa LGBTQIA+. Aqui apostamos que isso também pode ser aplicado para os familiares.

Por fim, mas não menos importante, vale a pena mencionar que Laura defendeu sua monografia no curso de psicologia no ano de 2017, justamente sobre sua experiência com um estudo de grupo de familiares de pessoas LGBTQIA+. Além disso, boa parte de sua clientela da clínica é composta por gays, lésbicas e pessoas bissexuais.

Tudo isso aponta que a experiência universitária não foi apenas um fator protetivo para sua vida familiar, como também tem sido para sua carreira profissional.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Josyane Gomes. **Acordos e colisões: família, sexualidade e lesbianidade.** Dissertação de Mestrado. Brasil. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Natal, RN, 2019.

BECKER, Howard. **Método de pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 1. Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

HAMMES, Bruno dos Santos. “Prefiro um filho morto do que um filho viado”: algumas implicações de quando a homofobia é familiar. **PerCursos**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 178 - 199, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614272013178> Acesso em 15 nov 2022.

MODESTO, Edith. **Mãe sempre sabe?** Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, set. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000300014&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 10 nov 2022.

NOVAIS, Kaito. C. **Gestos de amor, gestações de lutas:** uma etnografia desenhada sobre o movimento mães pela diversidade. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

OLIVEIRA, Leandro de. **Os sentidos da aceitação:** Família e Orientação Sexual no Brasil Contemporâneo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Revista da SPAGESP**, v. 21, n. 2, p. 41-54, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7603385> Acesso em 10 nov 2022.

PÉREZ-NEBRA, A. R.; JESUS, J. G. de. Preconceito, estereótipo e discriminação. In: TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. **Psicologia Social:** principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011

PERISTIANY, John. G. **Honra e Vergonha.** Valores das sociedades mediterrânicas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1988.

REIS, T. **Manual de Comunicação LGBTI+.** Curitiba: Aliança Nacional LGBTI, GayLatino; 2018; [cited 2019 jul 17]. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf> Acesso em 15 nov 2022.

REZENDE, Claudia Barcellos. B.; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.



SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

ROHDEN, Fabíola. Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?. **Campos**, Revista de Antropologia, v. 7, n. 2, p. 101-120, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7436> Acesso em 10 de nov de 2022.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu** [online]. 2007, n. 28, pp. 19-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003> Acesso em: 9 nov. 2022.

SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA, João Batista da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro) [online]. 2014, v. 00, n. 17 [Acessado 30 Setembro 2022] , pp. 124-148. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.17.08.a> Acesso em: 9 nov. 2022.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Objetiva, 2018.